



A INTERNACIONALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA NO SÉCULO XXI: oportunidade ou ameaça?

Palavras-Chave: Pan-Amazônica; Internacionalização; Investimento chinês.

Autores/as:

Beatriz Consolmagno de Marchi [Universidade Estadual de Campinas]

Prof. Dr. Humberto Miranda Nascimento (orientador) [Universidade Estadual de Campinas]

INTRODUÇÃO:

Desde o fim do século XX a China vem se colocando, cada vez mais, como uma das maiores potências econômicas na ordem capitalista mundial. Sua trouxe um enorme deslocamento da demanda no globo ao introduzir um novo gigante ao comércio internacional. Isso impactou diretamente as economias periféricas, iniciando uma nova dinâmica na ordem mundial e abrindo oportunidades de negócio ao “terceiro mundo”¹. Será que elas continuarão com o mesmo papel no comércio internacional, exportadoras de matéria prima? Há espaço para desenvolvimento de novas atividades nesses países? Como a Amazônia se relaciona com o interior e o exterior nessa dinâmica?

Desde o início dos anos 2000 a participação chinesa nas economias periféricas só vem crescendo, se tornando, hoje, uma das, se não a, principal parceira comercial da maioria dos países Amazônicos. Tomando o lugar de países como os Estados Unidos, Holanda e Japão, o ainda crescente gigante asiático tem cada vez mais dominado as primeiras posições de importação e exportação na América do Sul e continente africano.

A partir desse contexto podemos ver duas vertentes de interpretação surgindo no âmbito da América Latina: a neoextrativista e neoestruturalista. Pensadas para interpretar o *superciclo das commodities*, as vertentes enxergam o momento atual de maneiras diferentes, pelo menos no que tange ao desenvolvimento nacional. Seria essa nova ordem mundial uma oportunidade, ao possibilitar mais complementaridades entre os nossos países e o mercado internacional de commodities? Ou seria uma ameaça, ao submeter cada vez mais nossos países à dependência do comércio internacional de commodities? Busca-se saber, em resumo, como a Pan-Amazônia, maior floresta equatorial do mundo e fonte de inúmeros recursos naturais e matérias primas essenciais, entra nessa nova lógica.

METODOLOGIA:

Foi utilizada a consulta e fundamentação a partir de livros, teses e artigos científicos relacionados ao assunto, na busca de como a literatura neoestruturalista e neoextrativista tratam da

¹ Para Hung (2018), a ascensão da China não contraria a ordem econômica neoliberal. Pelo contrário, transformou aquele país num grande exportador de capital e forte investidor em ativos fixos.

internacionalização da Pan-Amazônica. Seguindo o cronograma, a pesquisa foi orientada da seguinte forma:

- caracterização da Amazônia Sul-americana sua participação nos países amazônicos;
- levantamento e análise de dados sobre importação e exportação dos últimos 10 anos nos países amazônicos e estimar a participação da região nesses dados ao longo do período.
- Identificação dos tipos investimentos asiáticos na Amazônia, mapeando para onde vão, quais setores e produtos têm maior relevância.

A partir daí, através dos informes do Banco Mundial, da CEPAL e outros órgãos internacionais e nacionais, buscamos debater como as duas vertentes enxergam essa presença.

Foi dada prioridade para a busca de dados de instituições e órgãos dos países amazônicos, pesquisas e levantamentos feitos em universidades, eventos e congressos organizados recentemente, como o Instituto Socioambiental, o INESC (Instituto de Estudos Socioeconômicos), o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), governos da região, etc. Como foi colocado no relatório parcial, a qualidade e a abrangência de muitas informações sobre a Amazônia não são iguais em todos os países, mas o intuito foi de identificar projetos e segmentos que receberem investimentos do exterior, a fim de e discutir seu significado, com base nas vertentes neoestruturalista e neoextrativista.

Assim, buscamos conhecer mais a fundo a Amazônia Sul-americana, não só a brasileira; também trouxemos informações sobre os interesses econômicos na internacionalização da Amazônia e expomos duas visões opostas, a neoestruturalista e a neoextrativista, que ajudam esclarecer as oportunidades e as ameaças envolvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

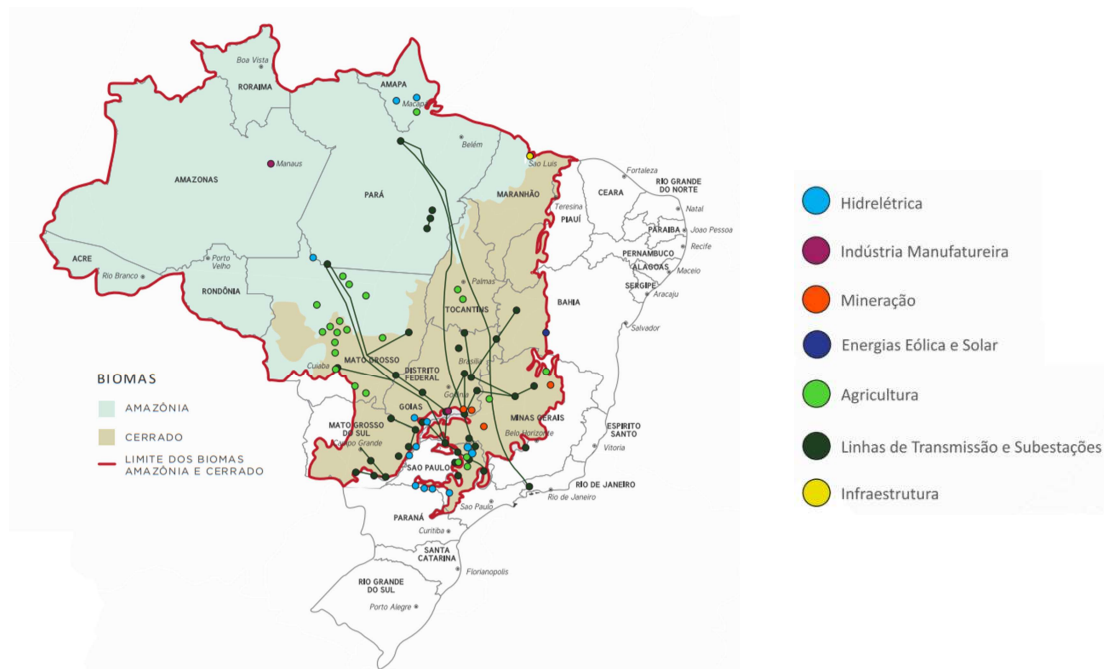
Na pesquisa foi possível perceber que a participação e presença da China na economia latino-americana só vem crescendo desde o início dos anos 2000. Sua participação nas importações e exportações cresceu pelo menos X vezes em todos os países amazônicos, elevando o gigante asiático a um dos principais, se não principal, parceiro comercial desses países. Analisando os itens que compõe as compras e vendas entre os países observamos facilmente como os países que compõe a Pan-Amazônia se encaixa no *superciclo de commodities* citado anteriormente, e, mais especificamente, como a própria Amazônia é enxergada nessa dinâmica.

Observando a balança comercial das áreas pertencentes à Pan-Amazônia podemos facilmente perceber como a economia local é fortemente baseada nas atividades primárias de larga escala e voltadas à exportação. Cada país apresenta uma gama diferente de produtos produzidos ou extraídos da região que são destinados ao exterior, com o gás natural se destacando na Bolívia, o café no Peru e Colômbia, o minério de ferro e a soja no Brasil e o petróleo vindo da Venezuela, por exemplo. Apesar dos destinos desses itens serem variados, eles são formados principalmente por países europeus, Estados Unidos ou países asiáticos com forte presença industrial. Além disso, a China é um dos principais, se não o principal, comprador na maioria dos casos, com destaque para o Brasil.

Pensando nisso, o foco da pesquisa se voltou para a identificação da presença estrangeira em solo amazônico, e quais os investimentos que resultam disso. As características naturais e o posicionamento dos governos da região atraem atividades ligadas à mineração, pecuária, energia,

extração de petróleo ou gás natural e monoculturas extensivas (**achar a referência disso**). Porém, ao observar a sua evolução como um todo nos últimos 10 anos, é possível afirmar que o investimento estrangeiro não contribuiu para uma mudança significativa nas estruturas produtivas, que se mantém semelhantes (CEPAL, 2020), e não necessariamente significaram vantagens econômicas para os habitantes locais. Ou seja, o capital externo entra na Amazônia e se aproveita dos ciclos econômicos já existentes, dando continuidade a eles, reproduzindo atividades extrativistas voltadas para suprir as necessidades do mercado externo. Vale ressaltar que os investimentos diretos estrangeiros (IDE) na América Latina como um todo se concentram muito mais em serviços e manufaturas do que em exploração de recursos naturais, exceto nos países Amazônicos.

Investimentos chineses na Amazônia e Cerrado Brasileiro



Fonte: Centro de Estudos e Pesquisas BRICS

Afunilando um pouco mais a pesquisa, foi definido o foco nos Investimentos Diretos Estrangeiros de origem chinesa com destino para a Amazônia. A China vem ganhando cada vez mais protagonismo nas relações comerciais e políticas mundiais, sendo uma das principais parceiras comerciais de diversos países latino-americanos, e tem demonstrado cada vez mais interesse no que a Amazônia pode oferecer. A vasta maioria dos investimentos chineses partem de empresas estatais e se concentram nos setores de energia e infraestrutura de maneira relativamente uniforme em todos os países amazônicos. Esses investimentos se apresentam como uma maneira de permitir e garantir o acesso da potência asiática aos caminhos de escoamento da produção realizada na área amazônica, além disso o desenvolvimento dos setores de energia e infraestrutura permitem um avanço nas atividades extrativistas locais, aumentando a oferta dos produtos que a China utiliza como insumo.

Esses investimentos diretos se dão, muitas vezes, através de fusões e aquisições de participação em empresas nacionais dos diversos países amazônicos, como evidencia o trecho a seguir:

Una parte creciente de estas inversiones toman la forma de fusiones y adquisiciones, lo que demuestra que las firmas chinas están descubriendo que la asociación con

compañías latinoamericanas es cada vez más atractiva para ellas. (Diálogo Chino 2017, p. 2)

Empresas como State Grid Brasil Holding, que pertence à State Grid China, vêm ao Brasil e desembolsam quantias exacerbatas no setor, que somaram 40 bilhões de dólares só no Brasil entre 2014 e 2019 (BRICS policy center, 2021), ou a China Three Gorges Corporation (CTG), e sua subsidiária, CTG Brasil, atuando nas vertentes hidrelétrica e eólica.

Disto isto, fomos atentar para o que dizem as vertentes Neoestruturalista e Neoextrativista, buscando entender suas visões para a Amazônia e qual papel ela ocuparia dentro da economia nacional e internacional. Elas se apresentam, respectivamente, como as “sucessoras” do extrativismo e desenvolvimentismo na era (pós) neoliberal.

Vertente	O que são...	O que dizem sobre a Amazônia...
Neoestruturalista	Vertente fruto do pensamento Cepalino que aparece no início dos anos 90 e busca superar as limitações do estruturalismo tradicional. Ideia de “centro” e “periferia”, onde a industrialização é necessária para superar o desenvolvimento. Não opõe o social ao ambiental.	A exploração da Amazônia não deve ser um projeto de longo prazo, mas a apropriação do excedente gerado pelas atividades extrativistas pode ser aplicado para gerar as bases necessárias para a industrialização. Podemos ver as mega-obras de infraestruturas que vêm sendo realizadas na Amazônia dentro desse contexto, criando bases para outras atividades na região.
Neoextrativista	Vertente que aceita o lugar primário-exportador dos países amazônicos no comércio internacional, mas com uma maior presença do Estado, através de empresas nacionais. O extrativismo é colocado como um projeto de desenvolvimento nacional.	A exploração predatória e em larga escala dos recursos naturais passa a ser o foco da economia, com a Amazônia e sua imensidão sendo vistas como uma mina de ouro. A apropriação do capital gerado por essas atividades passa a ser o objetivo final dessa economia, uma vez que ele é reaplicado no mesmo setor para ampliar a extração de produtos primários. As obras de transporte e energia planejadas pelos governos na região estão diretamente ligadas com o aumento da exploração dos recursos. Elas também permitem maior participação do capital internacional.

De um lado, a neoextrativista reafirma o lugar do Brasil e seus vizinhos amazônicos enquanto economia periférica primário-exportadora, mas acredita que com a apropriação do lucro gerado nessa atividade há a possibilidade de crescimento econômico nacional como um todo. Uma das consequências dessa vertente de pensamento é a queda do lucro e crescimento no longo prazo, reprimarização da economia, explosão de conflitos com comunidades que vivem fora dessa lógica de acumulação e a superexploração dos recursos naturais. O neo-extrativismo adota medidas pós-neoliberais dos governos progressistas, regulando a apropriação dos recursos pela maior presença do Estado em contrapartida à iniciativa completamente privada. O extrativismo predatório é colocado no centro, tornando-se mais do que algo de curto prazo, vira um projeto de desenvolvimento. No seu último livro, Maristella Svampa discute as repúblicas de centro-esquerda do começo do século XXI na América Latina e sua relação com o neoextrativismo.

A segunda visão, Neoestruturalista, é completamente alinhada ao pensamento da CEPAL. Ela se aproxima mais de um pensamento heterodoxo, e tenta superar alguns problemas do estruturalismo tradicional, buscando estabelecer bases de um desenvolvimento socioeconômico que não oponha

diretamente o social e o ambiental, como faz o neoextrativismo. Nesse arcabouço, o único meio de romper com o esquema neoclássico de inserção internacional estaria na industrialização, com a constituição dos pré-requisitos necessários à industrialização e formação de uma base produtiva local. O momento atual da globalização se apresenta, segundo esta vertente, como um contexto de novas oportunidades para as economias da periferia ou “subdesenvolvidas” alcançarem o desenvolvimento através da apropriação do capital gerado pelas atividades primárias extrativistas e a sua reaplicação para gerar as bases necessárias para a industrialização.

CONCLUSÕES:

Finalmente, podemos concluir com uma breve reflexão sobre o papel da China nesse assunto. A potência chinesa marca presença cada vez maior sobre a Pan-Amazônia e não há grandes indicativos de que sua presença leve a significativas mudanças na base produtiva dessas regiões por enquanto. Com investimentos concentrados na mineração, petróleo, energia, transportes e serviços (cada país atrai uma gama diferente de investimentos chineses), podemos perceber que a Amazônia se encaixa perfeitamente na estratégia da política externa chinesa e na criação da “nova rota da seda”. O bioma parece ser enxergado pelo exterior como uma fonte de matéria prima, e seus investimentos na região são uma maneira de garantir acesso e influência. Pensando nas vertentes anteriormente citadas, o problema não está propriamente na presença chinesa nesses países, mas no fato disso não proporcionar condições que acarretem um novo processo de industrialização no país, uma vez que perpetua os ciclos econômicos extrativistas já existentes nas porções amazônicas das diferentes nações ao invés de desenvolver atividades que poderiam estabelecer as bases para tal.

BIBLIOGRAFIA

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). La Inversión Extranjera Directa en América Latina y el Caribe, 2020.

COSTA, César Augusto Soares; LOUREIRO, Carlos Frederico. “Questão ambiental, neoextrativismo e capitalismo periférico: uma leitura política em Enrique Dussel”. SER Social, Brasília, v. 20, n. 42, p. 164-181, jan.-jun./2018

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS BRICS (Brasil, RJ, Rio de Janeiro) et al. Investimentos Chineses na Amazônia e no Cerrado Brasileiro (2010 - 2019). BRICS Policy Center, [s. l.], v. 10, ed. 1, Março 2021. Disponível em: <https://bricspolicycenter.org/publicacoes/investimentos-chineses-na-amazonia-e-no-cerrado-brasileiro-2010-2019/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MINER, Sean. Los inversores chinos se centran en América Latina: El presidente Xi planea invertir US \$250 mil millones, pero ¿cuáles son los sectores que pueden ganar o perder?. Diálogo Chino, [S. l.], 31 ago. 2017. Disponível em: <https://dialogochino.net/es/comercio-y-inversiones-es/9380-los-inversores-chinos-se-concentran-en-america-latina/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SVAMPA, Maristella. Las fronteras del neoextractivismo en América Latina: Conflictos socioambientales, giro ecoterritorial y nuevas dependencias. [S. l.]: CALAS, 2019. 145 p. v. 1.

LOPES DA CUNHA, Guilherme y Víctor Santiago Calle León. (2014). “A inclusão da China na Amazônia: análise e considerações geoestratégicas”. En: Transpasando Fronteras, núm. 6, pp. 241-262. Cali, Colombia: Centro de Estudios Interdisciplinarios, Jurídicos, Sociales y Humanistas (CIES), Facultad de Derecho y Ciencias sociales, Universidad Icesi